

A VIDA NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA*

Vincenzo Di Matteo**

“Os homens sempre souberam que tinham alma. Coube-me lembrar-lhes que têm corpo.”

Freud

Apresentação

A problemática da vida é, sem dúvida, atual e exige de todos nós - para utilizarmos uma terminologia freudiana - um *trabalho psíquico*. Dito de outra maneira, *‘força-nos a pensar’* pelas interrogações novas que provoca, pelas inquietações éticas que o perpassam, pelas esperanças ou ilusões que despertam, pelos riscos ideológicos que pairam sobre os discursos relativos ao vivente, legitimadores ou não de uma fundamentação última do humano no biológico e, conseqüentemente, do direito à manipulação ou não do mundo da vida.

É também um tema vasto, se olharmos para a constelação semântica que se formou a partir do βίος grego, (biologia, biofísica, bioquímica, biogênese, biosfera, biodiversidade, bioética, biodinâmica, biogeografia, bioclimatologia, biometria, biotecnologia, neurobiologia...), sem contar com a outra raiz de ζῷον (zoologia, zootécnica,

* Conferência proferida na XX Semana de Filosofia da UNICAP (18-22/10/1999). Tema geral da semana: Filosofia e Vida: preocupações e razões de esperança.

** Vincenzo Di Matteo é professor do Departamento de Filosofia da UFPE.

zoobiologia, zoogenia, zoiatria, zoogeografia). Acrescentem-se outras ciências tais como ecologia, genética, fisiologia, neurociências e nossa constelação vira uma nebulosa.

Querer relacionar esse tema com a psicanálise é complexificá-lo mais ainda, exigindo de antemão um recorte da problemática que nos foi proposta. Nesse sentido, antes de entrar *in medias res* é conveniente e até necessário respondermos a algumas perguntas prévias que provavelmente já lhes vieram à mente quando se defrontaram com o título desta conferência.

Invoca-se uma perspectiva psicanalítica sobre a vida, mas perspectiva de *qual psicanálise*? A pergunta é pertinente porque, neste século, o freudismo foi alterado com numerosas contribuições e/ou desvios (conforme os pontos de vista). Nós, porém, nos limitaremos à psicanálise freudiana, porque não dominamos o pensamento dos discípulos de Freud que se tornaram adversários (Adler, Jung) ou dissidentes (E. Fromm, K. Horney e os culturalistas em geral) ou criativos (M. Klein, J. Lacan etc...). A escuta restrita ao discurso de Freud sobre a vida, espero que seja suficiente para captar a originalidade e até uma certa ambigüidade de que se reveste a fala freudiana, a ponto de J. Laplanche falar de um 'desvio biologizante' já presente no próprio Freud.¹

A segunda pergunta: de que *vida* fala propriamente a psicanálise? Da biológica, da psíquica, da cultural? Se a resposta certa é das três, bastaria, então, para delimitar o tema, nos restringirmos à primeira, a vida biológica. O problema, porém, reside no fato que o discurso freudiano articula indissociavelmente o biológico, o psíquico e o cultural na explicação e interpretação do homem como ser de desejo na sua relação conflitual com o mundo da cultura. Só nos resta, portanto, tentar uma sintonia fina para isolar um pouco artificialmente o

¹ LAPLANCHE, J. *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

que Freud disse sobre o biológico, o instintual, o hereditário, o filogenético.

A terceira pergunta, que certamente é a mais interessante e a mais difícil de responder: que *contribuições* pode fornecer a psicanálise ao debate contemporâneo sobre o tema do sujeito humano na sua relação com o vivente ou, dito de outra maneira, sobre os desafios que os avanços das ciências da vida lançam, hoje, à nossa responsabilidade? Evidentemente essa pergunta não podemos respondê-la de antemão, mas será ela que vai determinar o rumo de nossas colocações e se constituir como o fio de Ariadne para não nos perdermos nos numerosos problemas colaterais que irão se abrindo na medida em que vamos avançando na nossa reflexão.

Ela se desdobra em quatro momentos. No primeiro, mostraremos como a atual problemática da vida se insere no quadro cultural mais amplo que foi se constituindo a partir da modernidade. No segundo, como a psicanálise se insere nesse debate. No terceiro, como foi dita essa chamada *revolução psicanalítica*, destacando - entre os vários modelos - o biológico e o genético. No quarto, indicaremos algumas contribuições que ela pode oferecer aos problemas contemporâneos decorrentes dos avanços das neurociências e da genética.

1. A Vida antes do Eu

O interesse pelo tema da vida, nos dias de hoje, não está apenas relacionado com os avanços da biotecnologia e da engenharia genética. Deve ser situado dentro de um movimento mais amplo que se origina da modernidade e chega até nossa época contemporânea chamada com um rótulo de conveniência de pós-moderna.

O que está em jogo é a crise do projeto civilizatório do Ocidente e mais precisamente a crise de uma figura filosófica - a do sujeito - em torno da qual se estruturou todo o universo simbólico do homem moderno ao acreditar ter conquistado

finalmente sua *autonomia*, não mais recebendo as normas da natureza, da tradição, da Igreja ou de Deus. Essa autonomia soberana se evidencia, por exemplo, na natureza com Galileu, na ética e política com Hobbes, na metafísica com Kant. O homem se afirma como fonte, fundamento, autor das suas representações e de seus atos, um ser dotado de autoconsciência e de autodeterminação. Tanto o mundo interior quanto o da história parecem estar em suas mãos.

Junto, porém, com a figura do sujeito, a modernidade engendrou uma outra figura histórica, a do individualismo, com seus efeitos perversos. Era necessário recolocar no devido lugar o 'eu', essa criança mimada da filosofia ocidental moderna,² expressão privilegiada de uma subjetividade monadológica, fechada numa afirmação pura e simples de si mesmo, do próprio desejo, dos interesses pessoais, dos direitos individuais como se fossem valores absolutos intransponíveis.

Boa parte da filosofia que perpassa nosso século, Heidegger, Filosofia analítica, da linguagem, estruturalismo, vem se opor a esse humanismo filosófico centrado no *eu*, num sujeito consciente e livre e que teve como correlato a recusa da identificação com o *outro*, o diferente, seja ele o primitivo, o não europeu, o louco, o inconsciente. Em suma, o humanismo tradicional, na realidade, encobria ideologicamente o individualismo, o egoísmo e os privilégios de uma minoria. Era preciso recolocar o outro antes do eu e a vida antes da humanidade. Esta reviravolta, fruto de um *anti-humanismo teórico*, é o anúncio de um novo humanismo, o democrático, que se contrapõe aos outros humanismos que o precederam, criados

para privilegiados e a partir de civilizações privilegiadas.³

Anunciariam essas novas perspectivas uma mudança de paradigma da compreensão do nós mesmos e do nosso mundo? Passaríamos de um paradigma antropocêntrico para outro maior que nos engloba, o da vida? Talvez seja prematuro responder a essas perguntas, mas é dentro desse contexto de repensamento da modernidade que se insere também a psicanálise.

Ao mesmo tempo filho e crítico da ilustração, Freud tem consciência que sua descoberta, ao apelar para noções como as de inconsciente dinâmico e recalçado, de narcisismo, de pulsão, vem se colocar na contramão do otimismo da modernidade com relação ao sujeito. Há um 'outro' da consciência e do eu que os precedem e determinam.

Mas em que consiste propriamente o que é chamada - um pouco dramaticamente - de *revolução psicanalítica*?

2. A Revolução Psicanalítica

O próprio Freud a descreve num texto famoso de 1917, *Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise* ao nos falar dos três golpes desferidos ao narcisismo humano: o golpe cosmológico (Copérnico), o biológico (Darwin) e o psicológico (a psicanálise).⁴

Permitimo-nos citar o próprio de Freud na versão mais resumida que se encontra num escrito contemporâneo: a Conferência XVIII das *Conferências Introdutórias à Psicanálise*.

“No transcorrer dos séculos, o *ingênuo* amor-próprio dos homens teve de submeter-se a dois grandes golpes desferidos

³ Veja o artigo de LÉVI-STRAUSS, Cl. Os três humanismos. In: *Antropologia Estrutural Dois*. Trad. Chaim Samuel Katz. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976, p.277-280. Publicado inicialmente em *Demain*, n.35, 1956. Nesse artigo, o autor apresenta os três humanismos: o aristocrático, o burguês e o democrático.

⁴ FREUD, S. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. Vol. XVII da Ed. Standard Brasileira, p.171-179.

² Nas páginas finais de *Tristes Trópicos* (1955), Lévi-Strauss assim se expressa: “O eu não é apenas odioso: não tem lugar entre um nós e um nada” LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes Trópicos*. Trad. Jorge Constante Pereira. Lisboa: Martins Fontes, s/d, p.521.

pela ciência. O primeiro foi quando souberam que a nossa Terra não era o centro do universo, mas o diminuto fragmento de um sistema cósmico de uma vastidão que mal se pode imaginar. Isto estabelece conexão, em nossas mentes, com o nome de Copérnico, embora algo semelhante já tivesse sido afirmado pela ciência de Alexandria. O segundo golpe foi dado quando a investigação biológica destruiu o lugar supostamente privilegiado do homem na criação, e provou sua descendência do reino animal e sua inextirpável natureza animal. Esta nova avaliação foi realizada em nossos dias, por Darwin, Wallace e seus predecessores, embora não sem a mais violenta oposição contemporânea. Mas a megalomania humana terá sofrido seu terceiro golpe, o mais violento, a partir da pesquisa psicológica da época atual, que procura provar ao ego que ele não é senhor nem mesmo em sua própria casa, devendo, porém, contentar-se com escassas informações acerca do que acontece inconscientemente em sua mente”.⁵

Algumas considerações sobre esse texto famoso:

1. Trata-se de um escrito relativamente tardio, quando Freud chega à primeira grande síntese de sua metapsicologia, tendo já nas costas mais de 25 anos de clínica psicanalítica.

2. A idéia fundamental que perpassa as três revoluções é a de um *descentramento* do sujeito. Essa metáfora, já condensa em Freud uma pluralidade de sentidos. Não é apenas o descentramento da consciência para o inconsciente, mas do eu para o outro (narcisismo) e já se anuncia o maior e o mais radical dos descentramentos, da consciência e do inconsciente para a pulsão, como veremos mais adiante.

3. Este *novo* descentramento não é propriamente de natureza diferente daqueles que retiraram o homem do centro do cosmos e da vida, apenas explicitam o que os outros dois já

⁵ FREUD, S. Conferência XVIII. Fixação em traumas - O inconsciente. Vol. XVI da Ed. Standard Brasileira, p.335-336.

anunciavam. A psicanálise só retira a última ancoragem da pretensão humana de sua superioridade ao lembrar-lhe que o eu não é autônomo, não é o centro nem mesmo no microcosmo do próprio psiquismo. Contra o discurso religioso que sempre viu o homem como um ser de exceção, Freud denuncia essa auto-compreensão narcísica e a submete à crítica da razão científica. Os céus não cantam e narram mais a glória de Deus, nem a vida e a consciência a glória do homem. Estamos só e desamparados, submetidos às leis físico-químicas que regem o universo, às que presidem o mundo da vida e às que regulam o funcionamento do psiquismo humano.

4. Ao pensar a psicanálise numa perspectiva histórico-cultural, a conecta com Copérnico, Darwin e o positivismo científico em geral, não com a filosofia e os filósofos. Não cita Descartes, Leibniz, Kant, Fichte, Hegel. Não apenas porque Freud não era filósofo, mas porque conscientemente quer manter sua descoberta no campo das ciências da natureza.

5. Afirmar que o ego não é senhor em sua própria casa decorre de duas descobertas da psicanálise que se remetem reciprocamente: a de que a sexualidade ou a vida de nossas pulsões sexuais não é inteiramente domável e a de que os processos mentais são, em si, fundamentalmente inconscientes.⁶ Para dizer essas novidades Freud não recorre à linguagem filosófica, mas à modelos e conceitos retirados da física, química, biologia e neurofisiologia de seu tempo. Com isso, porém, as recorrentes metáforas energéticas, biológicas e até hidráulicas pareciam não apenas ancorar, mas também reduzir o humano ao biológico e natural, silenciando as dimensões espirituais do homem que se expressam nas formas mais elevadas da cultura: religião, filosofia, ética...

Reações a essa concepção naturalizante do ser humano não tardaram a aparecer, já na época de Freud. Foi em

⁶ Cfr. FREUD, S. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. O.c., p.178.

plena Viena e por ocasião das comemorações dos 80 anos de Freud que Binswanger pronunciou uma conferência que se tornou um texto clássico sobre o assunto: *a concepção freudiana do homem à luz da antropologia*.

Qual é a crítica básica que é dirigida a Freud? Faltaria na concepção freudiana do homem o que o autor chama de *homo caelestis, aeternus, universalis, historicus* - um suplemento de alma nós diríamos - porque o que emerge é apenas o *homo natura*, o homem-natureza.

“Se procurarmos - nos diz textualmente Binswanger - a idéia que rege a produtividade incessante do homem que reverenciamos nesta hora com gratidão e respeito a idéia cuja realização constitui a seus olhos sua missão, nós a descortinamos na sua concepção do homem. Diametralmente oposta à tradição milenar da essência do homem como *homo aeternus* ou *caelestis*, como homem histórico ‘geral’ ou *homo universalis*, e numa igual oposição à concepção moderna ontológico-antropológica do homem como existência ‘histórica’ no sentido pregnante do termo, como *homo existencialis*, se trata em Freud, todos o sabem, da idéia científica do *homo natura*, do homem como natureza, como criatura natural”.⁷

Freud não assistiu à palestra, mas chegaram a seus ouvidos os ecos dela e em suas mãos o texto de Binswanger. Numa cartinha que lhes dirigiu no dia 8.10.1936, depois de declarar que a conferência foi para ele uma ‘agradável surpresa’ e que apreciou o belo estilo, a erudição, a amplidão de visão, o tato do autor em colocar as objeções, assim continua, com uma certa ironia e rispidez: “Claro que não creio no senhor. Sempre morei no térreo e no porão da casa: o senhor sustenta que, mudando o ponto de vista pode-se também ver um andar superior onde estão

⁷ Cfr. BINSWANGER, L. La conception freudienne de l’homme à la lumière de l’anthropologie. In: *Analyse existentielle et psychanalyse freudienne. Discours, parcours et Freud*. Paris: Gallimard, 1970, p.201-237. A citação se encontra na p. 201-202.

hospedes ilustres como a religião, a arte e outros. O senhor não é o único: a maioria dos espécimes da civilização do *homo natura* pensa da mesma maneira. Sob este aspecto o senhor é o conservador e eu o revolucionário. Se eu tivesse outra vida de trabalho pela frente ousaria oferecer até àquelas pessoas de alta estirpe um lar na minha humilde choupana. Já encontrei um para a religião quando tropecei com a categoria da ‘neurose da humanidade’. Mas provavelmente estamos ambos falando para o vento e vão se passar séculos antes que cheguemos a um acordo”.⁸

Naturalmente nem todos concordam nem com Binswanger, nem com Freud que mordeu a isca e acabou se identificando com uma crítica que, no mínimo, é questionável, se não improcedente. Segundo outros intérpretes, Freud não naturaliza o homem, mas, nele, humaniza a natureza, na medida em que o conflito entre as pulsões é percebido como a força motriz para a emergência de um sentido, de uma história significativa.⁹

Evidentemente a chave para entendermos tão diferentes leituras reside na interpretação que se der aos modelos utilizados por Freud.

3. O Recurso ao Modelo Biológico

Todos sabemos o percurso intelectual de Freud que ele mesmo se encarregou de resumi-lo esquematicamente. “Passei da histologia do sistema nervoso para a neuropatologia e depois, incentivado por novas influências, comecei a interessar-me pelas

⁸ FREUD, S. *Correspondência de amor e outras cartas, 1873-1939*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p.497-498.

⁹ Cfr. VERGOTE, A. L’interêt philosophique de la psychanalyse freudienne. *Archives de philosophie*, 21, jan. 1958, p.54.

neuroses”¹⁰ Ao Freud pesquisador da neurobiologia, mapeando o cérebro, seguiria um Freud terapeuta, mapeando a mente.

Freud, de fato, não foi um curandeiro, mas alguém preocupado em fundamentar sua prática numa teoria. Construiu ele mesmo, paulatinamente as ferramentas teóricas para explicar o patológico, o normal e até o cultural, tomando emprestados alguns modelos e conceitos utilizados nas ciências de seu tempo, convencido de que uma apresentação *metapsicológica* de um processo psíquico deve ser descrito nos seus aspectos dinâmicos, topográficos e econômicos.¹¹

Na realidade são quatro os modelos aos quais Freud recorre: o mecanicista-fisicalista, o biológico, o filogenético, o da linguagem. Apesar de falar de um aparelho de linguagem, cuja problemática será explorada especialmente pela psicanálise francesa ligada à figura de Lacan, é mais na articulação dos três primeiros modelos que se movimenta o pensamento freudiano. Deles vamos destacar apenas o modelo biológico.

Que o biológico esteja onipresente na obra de Freud é uma constatação que qualquer leitor faz até com um certo constrangimento. O salto para o registro do psíquico não o impede de apelar a explicações e modelos que remetem para o registro do biológico. Como se expressa numa carta a Fliess, quer ser um psicólogo, mas não estava minimamente disposto a deixar o psicológico solto no ar, sem a base orgânica.¹²

¹⁰ FREUD, S. *Pós-Escrito a um estudo autobiográfico*. V. XX da ESB, p.288. A experiência científica de Freud antes de se interessar pela clínica começou pela pesquisa zoológica com o diretor de Anatomia comparada Carl Claus que o enviou a Trieste para dissecar e observar as gônadas de centenas de enguias e se estendeu por seis anos na pesquisa fisiológica no laboratório de Brück. Quanto às influências de que fala Freud nessa passagem, certamente dizem respeito a Charcot.

¹¹ Cfr. FREUD, S. *O inconsciente*. Vol. XIV da Ed. Standard Brasileira, p.208.

¹² Cfr. GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. S. Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.126.

Em Freud, o biológico se apresenta de três maneiras: como *modelo*, como *origem* e como *esperança* terapêutica.¹³

3.1 - O Biológico como Protótipo e Modelo

O termo modelo associado ao biológico não deve ser entendido no sentido restrito da epistemologia moderna. Remete mais à idéia de *ficção*, *protótipo*. No nosso caso, implica dizer o óbvio: que antes de sermos seres culturais, somos seres vivos, nascidos prematuramente sem estarmos equipados para garantirmos sozinhos nosso sobrevivência. Numa celebre passagem do *Projeto para uma psicologia científica* escreve: “O desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*”.¹⁴

Mas quer isto dizer que, ao descrever o esforço adaptativo do ser vivo ou sua evolução genética estaria insinuando que o biológico além de ser anterior, invade - como modelo - o psíquico humano para descrever essa dramática aventura que existência humana faz rumo à subjetivação?

Talvez uma das contribuições mais interessantes da psicanálise para integrar o somático e o psíquico seja a descrição que nos dá de um dos conceitos-chaves da psicanálise: o de *pulsão*.

A pulsão (*Trieb*) não é instinto (*Instinkt*). Enquanto esse último é algo herdado e não adquirido, visando um comportamento relativamente fixo, a primeira é uma força inicialmente sem finalidade, variável de indivíduo para indivíduo e, portanto, historicamente determinada. No caso da pulsão sexual, por exemplo ela se liga a determinados fantasmas ou

¹³ Cfr. LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a psicanálise*. S. Paulo: Martins Fontes, 1992, p.20.

¹⁴ FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica*. Vol. I da Ed. Standard Brasileira, p.422.

fantasias que diferem de pessoa para pessoa. A psicanálise se ocupa fundamentalmente das pulsões e seus destinos, suas transformações, mesmo que reconheça a existência de instintos de autopreservação e até de um instinto sexual ligado à maturação dos órgãos genitais no período da puberdade.

O que é específico da psicanálise é uma tese surpreendente: o inato, o sexual genético não vem antes e o adquirido depois. É precisamente o contrário. Há uma sexualidade pré-genital, a infantil, que não se limita ao genital e que se espalha pelo oral, anal e todas as zonas do corpo que podem ser erogeneizadas. A pulsão sexual, portanto, não visa um comportamento finalizado, mas atende às fantasias mais diversas. Não possui uma única forma, mas é *polimorfa*, anárquica, variável quanto ao alvo e ao objeto. A seqüência das fases - oral, anal, fálica - não deve ser entendida como 'fases', 'estágios' decorrentes de uma maturação hormonal que se escalona num determinado tempo mais ou menos igual para todos.

Quando o instinto sexual irrompe na adolescência, a pulsão sexual já tem tomado conta do mundo psíquico do indivíduo e, conseqüentemente, até o genético da sexualidade humana não tem a fixidez de outras espécies animais.

3.2 - O Biológico como Origem: O Filogenético

O recurso à pré-história mais arcaica da humanidade é entendido por Freud como necessário para legitimação das descobertas psicanalítica, especialmente das fantasias originárias, do complexo de Édipo, da origem da moral e da religião.

"A paixão pelo preestabelecido, pela hereditariedade no homem, não deixará de perseguir Freud"¹⁵. Basta pensar nas 'fantasias originárias' inatas e na grande saga de *Totem e Tabu*, da horda primitiva, do pai assassinado, do pacto entre irmãos. Algo

¹⁵ LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a psicanálise*. O.c., p.34

que força o próprio Freud a apelar para a indulgência do leitor diante das fantasias e das coisas incertas propostas. Uma *fantasia instigante* que permite uma visão do longínquo, mas que em Freud deixa de ser fantasia e se torna progressivamente uma verdadeira crença.

Precisa reconhecer que, nesse ponto, Freud se encontra em posições pouco defensáveis ao recorrer à hipótese filogenética para explicar determinados fenômenos descritos pela psicanálise. A ontogênese repetiria a filogênese. Em outras palavras, determinadas cenas fantasmáticas contemporâneas (castração, observação do coito dos pais) e até um assassinato do pai teriam sido inscritas na época de experiências pré-históricas e até históricas reais.

Evidentemente, hoje, com os avanços da genética moderna, ninguém mais acredita que uma experiência primitiva possa se inscrever num determinado gen específico e transmitido.

3.3 - O Biológico como Esperança

Fala-se muito hoje da crise ou da provável morte da psicanálise devido aos avanços da psicofarmacologia. Por incrível que pareça, isso não assustaria Freud por nunca ter renunciado à esperança de um tratamento biológico, quimioterápico que um dia pudesse suplantar o longo processo psicoterápico psicanalítico.

Essa crença não é contraditória e suicida, mas assenta sobre uma tese básica de Freud, isso é, que a libido pode ser pensada como uma substância resultante do metabolismo, suscetível de descarga mas também de acumulação, acarretando neste caso algo parecido com intoxicação, podendo desaguar numa 'neurose atual'. Diferentemente das psiconeuroses, as neuroses atuais não se originariam de um problema psíquico, mas de um desregramento dos mecanismos que levam a uma descarga regular da libido. E até as psiconeuroses são perpassadas por uma neurose atual como um momento e talvez o mais eficaz para produção dos sintomas.

Os afetos de que nos fala a psicanálise e do afeto por excelência que é a angústia, evidentemente se situam na cena do corpo, cujas alterações são percebidas e podem ser modificadas com uso adequado de drogas. Não é, portanto, um escândalo psicanalítico recorrer em determinados casos a um acompanhamento medicamentoso no decorrer do tratamento analítico.

Palavras do próprio Freud: “A psiquiatria é na atualidade essencialmente uma ciência descritiva e classificatória cuja orientação ainda é no sentido do somático, de preferência ao psicológico, e que se acha sem possibilidade de fornecer explicações aos fenômenos que observa. A psicanálise, contudo, não se coloca em oposição a ela, como o comportamento quase unânime dos psiquiatras poderia levar-nos a acreditar. Pelo contrário, como uma psicologia profunda, uma psicologia daqueles processos da vida mental que são retirados da consciência, ela é convocada a dar à psiquiatria um fundamento indispensável e libertá-la de suas atuais limitações. Podemos prever que o futuro dará origem a uma psiquiatria científica, à qual a psicanálise serviu de introdução”.¹⁶

Enquanto não chega esse futuro, neste espaço entre o já conhecido e o ainda ignorado, a psicanálise reivindica uma palavra competente que tem a dizer sobre o normal e o patológico no ser humano que devem ser articulados indissociavelmente com o mundo da bioquímica, do psíquico e da cultura. Esta abertura que a psicanálise freudiana mantém com o mundo da ciência em geral e das ciências da vida em particular a tornam - talvez - uma interlocutora privilegiada no debate sobre alguns problemas do mundo contemporâneo. Vamos analisar mais de perto - neste última parte de nossa exposição - algumas contribuições que ela pode oferecer.

4. As Contribuições da Psicanálise para Alguns Problemas Atuais

Dizemos de antemão que Freud não é um profeta, mas um pensador e pensador trágico. No final de *O mal-estar na civilização*, depois de ter dado o diagnóstico do nosso mal-estar dentro da civilização alguém talvez desejasse que ele oferecesse um prognóstico e um remédio, mas ele assim se expressa num texto muitas vezes citado: “... não tenho coragem de me erguer diante de meus semelhantes como um profeta; curvo-me à sua censura de que não lhes posso oferecer consolo algum, pois, no fundo, é isso que todos estão exigindo, e os mais arrebatados revolucionários não menos apaixonadamente do que os mais virtuosos crentes”.¹⁷

Além, disso, a moda psicanalítica, enquanto moda, talvez já tenha passado. Foi dito que o século XX é o século da psicanálise. A frase revela, sem dúvida, o reconhecimento do impacto que as idéias de Freud tiveram sobre nossa cultura e de modo específico sobre nossa compreensão da sexualidade. Parecem insinuar, também, um certo declínio da psicanálise diante de avanços consideráveis da psicofarmacologia, das neurociências, das pesquisas relativas ao genoma humano.

Todavia, ela tem algo a nos dizer sobre esses temas, especificamente sobre a relação mente-corpo, inato-adquirido e sobre os riscos ideológicos que sempre pairam sobre nossos discursos pretensamente racionais, mas repletos de racionalizações na tentativa de apoiar com argumentos nossas ilusões nascidas e alimentadas pelo desejo.

4.1 - Psicanálise e Biologia

Uma primeira pergunta emerge quase espontaneamente: os avanços das neurociências ameaçam o futuro da psicanálise? Vimos como o próprio Freud não descarta totalmente essa possibilidade. Todavia, se a resposta for afirmativa, não é só da psicanálise que devemos fazer o luto, mas de todas as chamadas ciências do homem. A psicanálise - nos diz Laplanche - não tem qualquer estatuto privilegiado no debate mais amplo entre biologia e ciências do homem.¹⁸

É verdade que a psicanálise deu o primeiro passo nessa direção quando descobriu que não é só a consciência que pensa. O inconsciente também pensa. Talvez não haja nada de escandaloso, nem de um ponto de vista filosófico, reconhecer ao pensamento o direito de cidadania na esfera do biológico. Afirmar que o corpo, o cérebro pensa, não é um absurdo lógico, pelo menos na medida em que não há pensamento sem que haja modificações correspondentes no corpo. O que não implica propriamente uma correspondência termo a termo entre um processo psíquico e um correspondente processo particular localizável no sistema nervoso.

Essa falta de correspondência não se origina do nosso desconhecimento. Não é uma limitação da neurobiologia atual, mas da natureza do pensamento. Os processos cerebrais envolvidos num raciocínio de tipo científico, filosófico, lógico-matemático, estético não podem ser determinados pela neurociência. Se assim fosse, quem defende essa tese da redutibilidade do pensamento a reações bioquímicas dos neurotransmissores não precisaria recorrer à força dos argumentos para nos convencer, bastando nos ministrar a droga específica exigida para tanto.

¹⁸ Cfr. texto xerocado de J. Laplanche (Psicanálise e biologia: realidades e ideologias) apresentado na III Jornada Norte/Nordeste do Círculo Brasileiro de Psicanálise realizado em João Pessoa de 07-09/11/1997.

4.2 - Psicanálise e Genética

Os avanços da genética contemporânea são imensos. Empenhados no deciframento do código genético do homem, o chamado genoma humano, estão ganhadores de Prêmio Nobel, universidades de excelência e bilhões de dólares (3,5). O empreendimento é conveniente e até necessário e desloca o problema anterior da relação mente-corpo para aquele do inato e adquirido.

O mapeamento dos 100.000 genes, nos quais se encontram as instruções de funcionamento do nosso organismo, poderá sozinho explicar o que é também da ordem das influências ambientais ou se quisermos da história de cada um?

É certamente uma pretensão delirante acreditar, por exemplo, na existência de genes responsáveis pela homossexualidade ou pela criminalidade. A psicanálise nos lembra que a influência do meio cultural é determinante para que eventuais predisposições orgânicas se atualizem.

As experiências de clonagens de animais levantaram temores quanto à possibilidade da criação de homens fabricados em série, portadores de um mesmo patrimônio genético e de uma mesma identidade. A natureza já nos proporciona essa experiência com os gêmeos univitelinos, sendo que o destino deles pode ser bastante diferente conforme a história peculiar de cada um.

4.3 - Os Riscos Ideológicos

É nesse ponto que vejo a maior contribuição que a psicanálise nos pode oferecer: neutralizar ou pelo menos minimizar dois riscos ideológicos sempre presentes quando está em jogo nossa compreensão do homem na sua relação com o mundo da vida:

4.3.1 - Primeiro: O Risco Idealista

“A psicanálise, nos diz Merleau-Ponty, com suas metáforas energéticas ou mecanicistas conserva o limiar de uma intuição que é uma das mais preciosas do freudismo: aquela de nossa *arqueologia*”.¹⁹

Esse conceito de *arqueologia* será retomado por Ricoeur no *Ensaio sobre Freud* e considerado o que determina o lugar filosófico do discurso psicanalítico.²⁰ Ninguém antes de Freud nos tinha revelado com tanta insistência e coerência a anterioridade-do arcaísmo do desejo. Isso quer dizer que há uma anterioridade do desejo com relação ao Ego, do *existo* com relação ao *cogito*. O sujeito antes de se por, consciente e voluntariamente, já está posto no ser a nível pulsional. A apoditicidade de minha consciência (ego sum) não coincide com a adequação, certeza e segurança da consciência (ego cogito). Há uma divisão dentro do sujeito entre o ego do *ego cogito* e o ego do *ego sum*, entre *je* e *moi* (Lacan), entre eu e mim mesmo. Sou, sim, mas o que sou, se pergunta Ricoeur? Sou “certeza indubitável de *que* eu existo e uma questão aberta quanto a *o que sou*”.²¹

Essa ancoragem do sujeito na realidade do desejo não a encontramos apenas em Freud. Está presente também em vários filósofos que colocam o ato de existir e do pensar no eixo do desejo (Spinoza, Leibniz, Hegel, Schopenhauer, Nietzsche), mas devemos especialmente à psicanálise o desmascaramento da estratégia do desejo, cuja semântica se encontra nos nossos sonhos, nos nossos sintomas, nas nossas racionalizações,

¹⁹ MERLEAU-PONTY, M. Préface. In: HESNARD, A. *L'oeuvre de Freud*. Paris: Payot, 1960, p.9.

²⁰ Cfr. RICOEUR, P. *De l'interprétation. Essai sur Freud*. Paris: Seuil, 1965, p.407.

²¹ RICOEUR, P. A questão do sujeito. In: *O conflito das interpretações: ensaio de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978, p.205

idealizações e até nas grandes produções simbólicas de nossas cultura.

4.3.2 - Segundo: O Risco Reduccionista

Desejo não é instinto, nos ensina a psicanálise e, portanto não é redutível ao mundo animal. Desde o final do século passado que com Dilthey eram contrapostas as chamadas ciências da natureza e ciências do espírito. A discussão foi retomada nesta segunda metade de nosso século ao se constatar o distanciamento progressivo de ‘duas culturas’: a das ciências humanas e da literatura de um lado e das técnicas e das ciências naturais de outro.

Na realidade há uma outra cultura que é necessário ter presente nesse debate e que é aquela da história, do social e do cultural, mas a ciência da natureza, irmã mais ajuizada e objetiva acabou impondo seu paradigma às demais irmãs. O que importa é como a realidade, a sociedade, o psiquismo *funciona*, deixando para a metafísica, a religião ou a dança livre da opiniões subjetivas a pergunta pelo sentido. Talvez isso explique o fato de que haja um certa supervalorização do biológico, do vivente e do vivente animal especificamente para explicar o mundo humano na sua dimensão pessoal e comunitária-histórica: da famosa doutrina da sobrevivência do mais apto até à pressuposta predisposição genética à pobreza.

Tenta-se dissolver o humano no biológico, no natural como se nele se encontrasse nossa *redenção*, no sentido em que o mundo da vida nos justificaria de nossos ‘pecados’ libidinosos ou agressivos pelo animalesco que habita o homem, ao mesmo tempo que uma certa visão idealizada da vida sonha com uma reedição do paraíso terrestre mesmo que hoje seu nome secularizado seja o de ecossistema no qual o homem respeitavelmente se integraria.

As aproximações do humano com o biológico, com o ‘animalismo’, na realidade não são de hoje. São perceptíveis no

fenômeno do totemismo quando grupos humanos, considerados primitivos, reconhecem miticamente um determinado animal como seu ancestral, tornando-o, portanto, objeto de ritos e de interdições.

Mas não é só no totemismo que se evidencia esta referência do homem com o animal, o bestial. Basta lembrar os mitos gregos dos deuses que assumem figuras de animais para movimentar-se a vontade no mundo da sexualidade e da crueldade. A própria filosofia confinou a explicação de determinados comportamentos no bestial que se esconde no mais profundo dos homens. É o lobo de Hobbes que se aninha no âmago de cada indivíduo. A literatura, de Esopo aos nossos dias, continua a projetar o humano no animal. É o coelho invocado para explicar o espantoso crescimento demográfico de nosso século e o chacal para ilustrar nosso egoísmo.²² O próprio Freud parece não escapar ao fascínio do mito da animalidade, como nosso fundo pulsional sexual e agressivo.

É verdade, afirma Laplanche que o homem é, às vezes, não apenas um vivente, mas uma besta agressiva e depravada, mas remeter à animalidade nosso fundo último, nosso *isso* é uma concepção puramente fabricada, ideológica. “Ela nos permite desobrigar-nos do nosso inconsciente humano, sexual e cruel, remetendo-o ao não humano, ao pré-humano que estaria escondido no fundo de nós. Enquanto, na realidade, foi o homem que criou em si este não humano bestial, este *isso*.”

De fato, toda história do homem pode ser entendida como uma tentativa de se emancipar da ordem dos viventes, mas “aterrorizado por esta emancipação, ele nunca cessou de se referir a um discurso sobre o vivente (uma biologia) muito antes de toda

²² Cfr. a crônica de Luiz Fernando Veríssimo no caderno Opinião do Diário de Pernambuco de 15.10.99, A5: “Já somos seis bilhões de pessoas no planeta. Se fosse um planeta bem administrado isto não assustaria, mas além da fertilidade de coelhos temos o caráter de chacais, que, como se sabe, são animais sem qualquer espírito de solidariedade humana”.

a biologia moderna. Esta referência bio-ideológica está longe de ter dito sua última palavra. A cada novo problema posto à humanidade, é a vida e não o homem que é tomada como referência. Fala-se cada vez mais em bioética como se o vivente pudesse criar uma moral.

Nesta luta de gigantes entre Eros e Tánatos, gostaríamos de ver o homem e a psicanálise engajados do lado de Eros, mas Freud hesita. Parece resumir a atitude mais adequada a “esperar que o outro dos dois ‘Poderes Celestes’, o eterno Eros, desdobre suas forças para se afirmar na luta com não menos imortal adversário. Mas quem pode prever com que sucesso e com que resultado?”²³

Naturalmente a esperança de Freud não é a virtude teologal dos cristãos. A esperança que os homens consigam construir uma história sensata não contra a vida, mas com ela e extraindo dela todas suas potencialidades ainda desconhecidas é uma aposta, a qual, para ter alguma chance de vitória precisa tanto de liberdade criadora, quanto de uma responsabilidade social cada vez mais vigilante e compartilhada.

Conclusão

Vamos retomar o percurso de hoje na sua linearidade para efeito de maior clareza. Podemos resumir-lo em 4 sentenças de acordo com a divisão quadripartida de nossa exposição:

1. O debate contemporâneo sobre a vida é um repensamento crítico da autonomia do homem afirmada pela modernidade e que produziram alguns efeitos perversos tais como o individualismo exacerbado que coloca o eu antes do nós e o nós antes da vida.

2. A psicanálise se situa na mesma corrente de repensamento crítico da subjetividade ao desferir o terceiro golpe

²³ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. O.c., p.170-171.

ao narcisismo humano, lembrando-nos que o psíquico e, portanto a subjetividade, não se limita e confunde com o campo da consciência.

3. Ao tentar dizer sua descoberta, Freud se utilizou, entre vários modelos, do modelo biológico-filogenético. Mesmo com algumas ambigüidades, não é legítimo afirmar que haveria em Freud um reducionismo simplista do cultura e do psíquico ao biológico.

4. Freud não se apresenta como um profeta ou um terapeuta da humanidade para aliviar nossa angústia diante dos desafios que os avanços da biologia e genética projetam num futuro próximo. Força-nos, porém, a pensar para neutralizar - até onde for possível - as ideologias sacralizadoras da vida. Se a revolta metafísica de Camus que se recusa a aceitar uma criação na qual 'os seres vivos se devoram em festa' não nos sensibiliza, espero que essa percepção da vida não legitime como natural o fato de que também os seres humanos façam o mesmo.

Referências Bibliográficas

BINSWANGER, L. La conception freudienne de l'homme à la lumière de l'anthropologie. In: *Analyse existentielle et psychanalyse freudienne. Discours, parcours et Freud*. Paris: Gallimard, 1970, p.201-237.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: *Publicações pré-psicanalíticas e rascunhos inéditos*. Vol. I da Ed. Standard Brasileira (ESB).

———. O inconsciente. In: *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Vol. XIV da Edição Standard Brasileira (ESB).

———. Conferência XVIII. Fixação em traumas - O inconsciente. In: *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. Vol. XVI da ESB.

———. Dois verbetes de Enciclopédia [1922]. In: *Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos*. Vol. XVIII, da ESB.

———. O mal-estar na civilização. In: *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização*. V. XXI da ESB.

FREUD, S. Pós-Escrito a um estudo autobiográfico. In: *Um estudo autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise leiga e outros trabalhos*. Vol. XX da ESB.

———. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. V. XVII da ESB.

———. *Correspondência de amor e outras cartas, 1873-1939*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. S. Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a psicanálise*. S. Paulo: Martins Fontes, 1992.

———. *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes Trópicos*. Trad. Jorge Constante Pereira. Lisboa: Martins Fontes, s/d.

———. Os três humanismos. In: *Antropologia Estrutural Dois*. Trad. Chaim Samuel Katz. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976, p.277-280.

MERLEAU-PONTY, M. Préface. In: HESNARD, A. *L'oeuvre de Freud*. Paris: Payot, 1960, p.5-10.

RICOEUR, P. *De l'interprétation. Essai sur Freud*. Paris: Seuil, 1965.

RICOEUR, P. A questão do sujeito. In: *O conflito das interpretações: ensaio de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978, p.199-224.

VERGOTE, A. L'interêt philosophique de la psychanalyse freudienne. *Archives de philosophie*, 21, p.26-59, jan./fev. 1958.